

S. PAULO

JUNHO DE 1907

ANNO VI

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

NUMERO 1



SÃO PAULO

TYP. A VAPOR HENNIES IRMÃOS — RUA DO RIACHUELO NS. 14 E 16

1907

S. PAULO

JUNHO DE 1907

ANNO VI

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

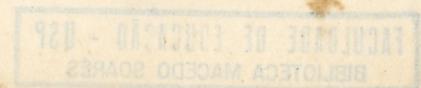
PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

NUMERO 3



SÃO PAULO

TYP. A VAPOR HENNIES IRMÃOS — RUA DO RIACHUELO NS. 14 E 16
1907



REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á *Revista de Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario—**Augusto R. de Carvalho**—ou ao presidente da Associação, á rua *Sancta Thereza*, n. 28.

CAIXA DO CORREIO, 183

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

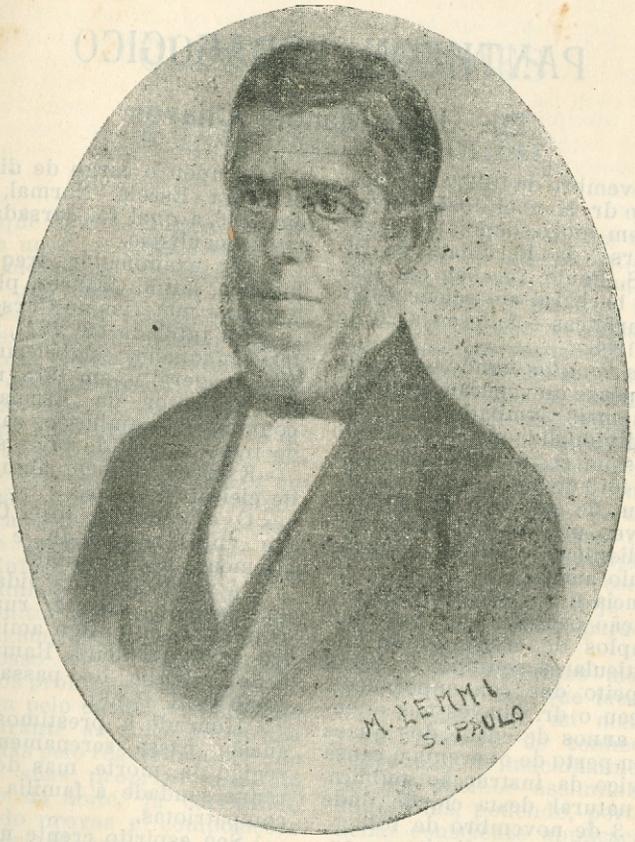
NUMERO 3



SAO PAULO

TYPE A VAPOR SIENNES BRAS — RUA DO RACHADO Nº 14 E 16 1907

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP
BIBLIOTECA MACEDO SOARES



DR. JOSÉ MANOEL CHAVES

PANTHEON PEDAGOGICO

Dr. José Manoel Chaves

A 3 de novembro de 1812, nasce nesta capital, o dr. Manoel José Chaves.

Ainda bem moço, depois de haver feito o curso da Faculdade de Direito de S. Paulo, recebeu em 1835 o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas e falleceu a 26 de junho de 1898.

O *Diario Popular*, dando noticia do triste traspasse do venerando ancião, « uma das mais sympathicas e distinctas individualidades de S. Paulo antigo » assim se exprime, em sua edição n. 4573 de 27 do mesmo mez :

« Deixou de existir o dr. Manoel José Chaves, uma das mais sympathicas e distinctas individualidades de S. Paulo antigo.

« Pertencia o venerando finado a essa geração passada que, com tantos exemplos de civismo e de virtudes particulares, se impoz á estima e ao respeito dos contemporaneos.

« Falleceu o dr. Chaves aos oitenta e seis annos de idade, dos quaes consagrou perto de quarenta á causa e ao serviço da instrucção publica.

« Era natural desta cidade, onde nasceu a 3 de novembro de 1812.

« Bacharelou-se em direito no anno de 1835, sobresahindo sempre como estudante applicado e talentoso na Faculdade.

« Ainda no tirocinio academico servia já de examinador nas mesas de preparatorios e em algumas aulas leccionou como substituto.

« Por decreto do regente Feijó, foi nomeado professor de philosophia.

« Na legislatura provincial de 1842 a 44, teve assento na assembleia dos deputados.

« Occupou o cargo de director da primeira Escola Normal, fundada em 1846, a qual foi cursada por notáveis paulistas.

« Era examinador frequente de historia, latim, francez, philosophia e outras materias no Curso Annexo.

« Foi jubilado em 1871, no magisterio daquelle estabelecimento de ensino geral e, em 1878, na cadeira de professor da Escola Normal, contando em ambos os cargos mais de trinta annos de bons serviços.

« Exerceu tambem alguns cargos de eleição popular.

« O dr. Manoel José Chaves era um vulto respeitado e apreciado altamente nesta capital.

« Já no declinio da vida, mas ainda podendo sair á rua, visitava sempre o seu antigo amigo, o illustre sr. conselheiro Ramalho, outra bella reliquia do passado intellectual de S. Paulo.

« Honrado e prestimoso, o digno ancião, passa serenamente para a região da morte, mas deixando perenne saudade á familia e aos seus compatriotas.

« Seu espirito crente nos dogmas da religião christã, os quaes rispidamente praticou, teria, na hora suprema da extincção, um ineffavel consolo.

« Paz eterna perdure sobre o sepulchro que abrigar o despojo dessa grande tradição humana do velho caracter e austeridade paulista.

Casado com d. Maria Benedicta Chaves, filha de José d'Oliveira Prado e de d. Joanna Benedicta d'Oliveira, deixou numerosa e distincta descendencia. »

QUESTÕES GERAES

A instrucção popular

Hoje que por toda parte se vai operando uma verdadeira renascença nos methodos de ensino, é de lastimar que, entre nós, onde as novas idéas já se achavam implantadas, se procure malbarateal-os. O Estado, é verdade, se tem occupado no estabelecimento de novos grupos escolares e os professores vão cumprindo regularmente os arduos deveres dos seus cargos ; porém isso não é tudo ; nada é em comparação com o que se notava annos atraz em que o ensino caminhava em progressão sempre crescente. Então, é certo, gastavam-se rios de dinheiro com materiaes escolares, muitos dos quaes, seja dicto de passagm, sem applicação pratica em nosso meio ; mas em compensação os professores muito se interessavam pelo ensino, trabalhando não só durante as cinco horas diarias exigidas pelo regulamento, como ainda em suas proprias casas até altas horas da noite, já corrigindo e anotando provas e composições de alumnos, já estudando os melhores meios de incutir novos conhecimentos no espirito infantil. Havia o estímulo ; tinhamos conferencias mensaes em que podiamos expôr livremente as nossas opiniões sobre materia de ensino ; eramos cordealmente recebidos pelos membros do governo não só nas secretarias, como em suas proprias residencias. Mas, mudam-se os tempos e com elles mudam os homens. Hoje o professor nem si quer faz

parte do quadro dos empregados publicos. *Andavam elles de topete levantado, disse alguém, e zás! traz! Fôra o topete!* Não era isso não : é que o professor se tinha penetrado de sua verdadeira missão na sociedade. O ensino é um verdadeiro sacerdocio. Elle não consiste apenas em *galvanisar* as intelligencias ; seu fim é formar o caracter, crear a personalidade, desenvolver o patriotismo pelo cultivo harmonico das faculdades mentaes do alumno. Já se foi o tempo em que os alumnos eram reduzidos a simples phonographos ou antes a esses velhos realejos que ainda hoje percorrem as ruas da capital, para vergonha da civilisação.

Hoje, os individuos mais capazes não são aquelles que facilmente podem armazenar na memoria um certo numero de conhecimentos e reproduzil-os machinalmente ; mas os que melhor assimilam as idéas adquiridas, podendo, portanto, fazer dellas consciente applicação. O ensino para ser racional deve pôr em jogo todas as faculdades, desenvolvendo harmonicamente, o que se consegue partindo das idéas simples para as complexas, das concretas para as abstractas, e, portanto, do facil para o difficil, sempre *numa complicação crescente e generalidade decrescente*. Só assim se poderá tender ao idéal. Foi assim que se conseguiu alguma coisa neste particular. Foi assim que se conseguiu fazer da creança o assombro da so-

cidade. Foi assim que se conseguiu apresentar em nossas exposições verdadeiros prodígios artísticos. Foi assim que se conseguiu formar uma nova geração, que demonstrará matematicamente que a semente lançada por Caetano de Campos e Cesario Motta não cahiu em terreno safaro.

Os antigos processos mnemonicos, que serviam de centro de gravidade ás disciplinas dos velhos programmas escolares, cedendo lugar aos processos intuitivos, fizeram uma verdadeira revelação.

Hontem os alumnos entravam para a escola aos sete annos e saham aos quatorze ou quinze com umas noçõesinhas muito ligeiras de geographia e historia e com umas regrinhas muito elementares de arithmetica e grammatica e isso mesmo sem conhecer as suas immediatas applicações. Mal conheciam as quatro operações fundamentaes. Não apprendiam a ler e muito menos a escrever. Hoje, entretanto, parece incrível: alumnos de 10 a 12 annos, discutem a economia dos programmas de ensino. E' que o mundo marcha! E' de lastimar, pois, que o enthusiasmo pelo ensino tivesse arrefecido entre nós. E' verdade que o orientação devia ser muito outra: os esforços empregados deviam convergir para missão que o destino

impoz no concerto das nações civilizadas.

O nosso destino social, como já alguém o disse com bastante propriedade, é a confraternisação dos povos, como agricultores que somos. Assim sendo, envez de se andar a organizar GARDEN-PARTIES dispendiosos e outras quejandas futilidades, seria preferivel cogitar-se de passeios ao Horto Botanico, ao Museu Paulista, a estabelecimentos industriaes, etc.; seria preferivel organizar-se a festa tão pittorescamente intitulada — *a festa das arvores*, no que a instrução encontraria, estamos certos, franco e decidido apoio da parte do dr. Carlos Botelho, que de mãos dadas com o dr. Gustavo de Godoy, já teve a felicissima lembrança de nos proporcionar um agradabilissimo e instructivo passeio ao Posto Zootechnico do Estado. Então tivemos occasião de observar a curiosidade e o interesse manifestados pela creançada, deparando-se-lhes os variados especimens alli expostos.

Fazendo votos para que os esforços do Estado tendam para esta orientação que espontaneamente se impõe, continuamos em nossos postos a trabalhar pelo bem commum.

S. Paulo, junho de 1907.

L. C.

PEDAGOGIA PRATICA

Notas de Portuguez

MORPHOLOGIA GERAL E PORTUGUEZA

VI

Verbo — Seu apparecimento na linguagem. Sua divisão. Verbos substantivos em Portuguez. Controversias. Verbo adjectivo; sua decomposição e divisão; a predicação completa e incompleta; impropriedade dos termos technicos usados a respeito. — As quatro conjugações. Verbos regulares e irregulares.

Em razão de sua flexibilidade e difficuldade de formação, o verbo sómente se manifestou na economia da linguagem depois que ella attingiu ao grau de prosperidade que lhe é peculiar.

Linguas ha que não possuem verbos e nem por isso deixam de prestar reaes serviços aos povos que a cultivam. Nestas circumstancias se acha a lingua chinesa, falada por uns quatrocentos milhões de habitantes. Mesmo em portuguez muita vez o verbo se acha occulto pela zeugma, sem prejuizo do sentido da sentença.

O verbo, pois, não é palavra essencial no discurso, como nos foi permittido demonstrar. Razão maior teriam as interjeições para fazer parte de uma tal categoria porque estas já tiveram as propriedades inherentes aos nomes. *Ah! hui! hi!* serviram por muito tempo para designar coisas. E como muitas coisas eram nomeadas com uma unica palavra, somos levados a crer que os substantivos communs foram os que entraram para o seio da linguagem em primeiro logar.

Os verbos classificam-se em SUBSTANTIVOS e ADJECTIVOS. O primeiro

ramo conta um unico verbo que é o verbo SER. Os do segundo são formados do verbo SER e de um PREDICATIVO. Estes ultimos podem ser de predicação completa e incompleta, segundo pede um termo de relação, ou não. Dahi a subdivisão dos verbos adjectivos em TRANSITIVOS e INTRANSITIVOS. Nas sentenças: *Francisco COME laranjas* e *Pedro DORME*, encontram-se os exemplos dos verbos em questão. Esta divisão, entretanto, se baseia unicamente na logica dos factos porque um mesmo verbo póde ser empregado já em uma acepção, já em outra. Nestas condições estão os verbos relativos e pronominaes. Nos seguintes exemplos observamos que o verbo TOMBAR póde ser empregado em ambas as acepções: *Pedro TOMBOU o caixão*; *o caixão TOMBOU*. No primeiro caso elle é TRANSITIVO e no segundo é INTRANSITIVO. Está, portanto, provado que esta classificação é arbitraria e que os termos technicos empregados para designar as diversas categorias não resistem á critica. Esta questão, pois, é mais synthetica que morphologica.

Em relação ao verbo SER, notaremos ainda que nem todos os gram-

máticos o consideram como *verbo substantivo*. E sobre este particular vejamos o que diz Aulete: « Os grammaticos, sem grande propriedade nem utilidade, chamam verbo SUBSTANTIVO ao verbo—SER—quando o attributo claro; portanto, tambem assim se deve chamar a qualquer outro, quando tiver o attributo expresso; taes são: *estar, andar*; exemplo: *sou doente, estou doente, ando doente*; e verbos adjectivos a todos que têm o attributo incluído na propria significação: pois que—*amo*—dizem os grammaticos, exprime o mesmo que *sou amante*. Neste caso está o verbo *ser*, pois quando se diz: *Pedro é doente, quer dizer: Pedro é existente doente. Pedro está doente, quer dizer: é na actualidade existente doente.* »

Ha quatro conjugações em portuguez. Soares Barbosa e outros grammaticos, entretanto, querem reduzir as a tres, visto o verbo PÔR derivar-se de *poer*, da segunda conjugação. Não é procedente esse argumento. O verbo PÔR termina em *ôr* e por isso no estado actual da linguagem não pôde ser enxertado na segunda categoria. A observação e a experiencia, pois, nos permitem considerar o verbo PÔR e seus compostos—*repôr, transpôr*, etc.—como pertencentes a uma quarta conjugação.

Os verbos ainda se classificam em REGULARES e IRREGULARES. Os primeiros acompanham os paradigmas de conjugação e os segundos afastam-se dos mesmos. Esta questão da irregularidade dos verbos é toda arbitraria, formando um verdadeiro contraste com a unidade scientifica. A linguagem é um producto popular e como tal não se deve amoldar a principios arbitrarios. O emprego dos diversos modos, tempos, numeros e pessoas já ultrapassam a tensão intellectual do povo e não o devemos sobrecarregar ainda com questões puramente literarias.

Os verbos admittem flexões de—MODO, TEMPO, NUMERO, PESSOA e GRAU.

Conjugar um verbo é flexional-o em sua terminação. Conjugação é a

categoria a que o verbo pertence na conformidade da sua terminação. Assim a primeira é a dos verbos terminados em *ar*; a segunda, dos terminados em *er*; a terceira, dos em *ir* e a quarta, dos em *ôr*. O nome do verbo chama-se INFINITO. *Cant ar, vender, partir, pôr*, são infinitos verbaes.

Na conjugação ha a attender o radical do verbo, invariavel, e a terminação variavel. Julio Ribeiro ainda se occupa do thema e da desinencia, de que Silva Jardim nunca cogitou em seu curso systematico da lingua portugueza.

VII

Verbos: suas flexões. — Suas vozes: a activa, a passiva, a media (?) — Os particípios; os particípios irregulares. — Formação da voz passiva em Portuguez. — O auxiliar SER. — Discussão da forma SE; pronome reflexivo, conjugação, forma apassivadora. — Etymologia do SE. — Pode ser sujeito? — Observações entre o SE portuguez e o ON francez. — Aparecimento da forma SE em Portuguez.

As flexões verbaes mais usadas são: MODO, TEMPO, NUMERO E PESSOA.

MODOS SÃO AS FORMAS GERAES PELAS QUAES OS VERBOS DIZEM UMA COISA DE OUTRA. A maneira, o modo de dizer é muito variavel. Ha dois modos: FINITO E INFINITO. Modo finito é aquelle em que o verbo realiza sua função de uma maneira completa.

O finito pode ser: INDICATIVO, CONDICIONAL, IMPERATIVO E CONJUNCTIVO.

O indicativo exprime a função verbal de um modo certo, positivo; o condicional, sob uma condição; o imperativo, com mando e o conjunctivo, com duvida.

O modo infinito exprime a função verbal vagamente. Esta forma não é propriamente flexão verbal: é antes um verdadeiro substantivo porque é a palavra que serve para nomear o verbo. E, nestas condições, o infinito pessoal não passará de uma simples forma do condicional.

TEMPOS SÃO AS FORMAS PELAS QUAES OS VERBOS DIZEM UMA COISA DE OUTRA NO PRESENTE, NO PASSADO OU NO FUTURO.

Os tempos essenciaes simples são tres: presente, que indica a actual-

idade; passado ou preterito, a anterioridade; e o futuro, a posterioridade.

Ha ainda outros tempos accidentaes, dos quaes deixamos de tratar por não offerecerem particularidades dignas de nota, a não ser algumas denominações improprias. Assim o AORISTO devia chamar-se—PASSADO POSITIVO; o PERFEITO—PASSADO PROGRESSIVO e o MAIS QUE PERFEITO—PASSADO PROGRESSIVO ANTERIOR.

NUMEROS SÃO AS MANEIRAS PELAS QUAES AS FORMAS VERBAES SE SUBORDINAM A UM OU MAIS SUJEITOS. Ha dois numeros: SINGULAR e PLURAL.

PESSOA É A FORMA, A MANEIRA PELA QUAL O VERBO CONCORDA COM O SUJEITO. O sujeito pôde ser da primeira, segunda ou terceira pessoa, segundo as suas relações com o attributo. A primeira é a que diz; a segunda é a quem se diz e a terceira é a de quem se fala.

Os verbos de predicação incompleta são—ora empregados na voz ACTIVA, ora na PASSIVA, havendo ainda grammaticos que admittem a voz reflexa. Neste ultimo caso a voz é activa, embora a actividade do sujeito reverta em proveito ou prejuizo proprio. A logica do assumpto rege-se então pelo reflexivo SE, que em caso algum poderá ser sujeito em nossa lingua. Na phrase:—*aqui se come bem*—o SE á primeira vista parece impor-se como tal. Analyse-mos o caso:—*aqui a gente come bem*—é a traducção dada áquella phrase. Mas, porque não poderá ser esta—*aqui a gente se alimenta bem, aqui a comida é boa?* Em—*dorme-se bem*—donde—*a gente dorme bem*—opporemos—*o somno é reparador*. O SE, pois, ou é um reflexivo ou uma particula apassivadora, sendo naquelle caso complemento indirecto ou uma conjuncção, escrevendo-se então, neste ultimo caso, de preferencia SI.

No latim havia duas flexões: uma para a voz activa e outra para a

passiva. Logo, porém, que os Arabes se espalharam pela Europa uma das flexões foi substituida pela preposição. Em portuguez o mesmo verbo pôde ser empregado em ambos os casos, com o emprego da particula apassivadora. Exemplo: *João vende duas casas; vendem-se duas casas ou duas casas são vendidas por João.*

O verbo SER, pois, pôde tambem apassivar os outros verbos, pospondo-se-lhe o PARTICÍPIO PRETERITO, que é variavel, como adjectivo que é, seguido da preposição POR.

O SE deriva-se de *sin, sil, sés* latinos e não do *on* francez, como querem alguns. O apparecimento da forma SE em portuguez explica-se pela decomposição do latim na peninsula iberica. Os romanos, conquistando-a, obrigaram os seus naturaes a falar o latim; e, encontrando estes dificuldades nas variações existentes em todas as pessoas do verbo latino, trataram de substituir a forma variavel pela particula em questão.

Os verbos transitivos, ou de predicação incompleta, estão na voz activa, quando a acção transitiva que lhe é peculiar é exercida pelo sujeito da oração; e estão na voz passiva quando, pelo contrario, tal acção é exercida sobre esse sujeito.

Os estoicos denominavam o verbo *transitivo* em voz activa, verbo *directo*; o verbo *transitivo* em voz passiva, verbo *directo de costas* e o verbo *intransitivo*, ou antes de PREDICAÇÃO COMPLETA, verbo *neutro* ou verbo que não era *directo*, nem com as costas para a frente. Estas denominações, ao que parece, têm sua origem nas diversas attitudes dos athletas ao darem e receberem golpes, na opinião de Schmidt.

São Paulo, junho de 1907.

LUIZ CARDOSO.

DIVERSOS

O KINDERGARTEN

O homem enquanto criança, assemelha-se á flor no galho: e, assim como esta se acha em relação á planta que a produz, assim tambem a criança está em relação com a humanidade: um novo botão, uma fresca flor; e como tal se proclama o incessante reaparecimento de uma nova vida humana.

Repetidas vezes nos vem a convicção de que tudo depende do verdadeiro desenvolvimento da criança; todos os esforços, pois, devem ser empregados em tal educação, visto que ella satisfará todas as necessidades da sua existência.

É este o objecto do *Kindergarten* ou o *jardim da infancia*—o cultivar a mente, o coração e as mãos.

É a melhor preparação para as artes e officios, pois os materiaes usados no *Kindergarten* representam toda a especie de actividade technica.

Activam-se os sentidos; as mãos se adestram e tornar-se mais flexivel o corpo

É por meio do trabalho que as faculdades da criança se desenvolvem; é justamente ao pôr em pratica aquillo que sabe que ella se aperfeiçoa.

Deste modo adquire perseverança, paciência e poder de vontade.

O fim que tem em vista o *Kindergarten* é estimular a mente, dar originalidade ao pensamento e methodismo, ás idéas. Não attribue cada falta da criança a um estado de provocação; é devido antes a ignorancia que á depravação que as crianças commettem o mal.

As creancinhas de hoje são a base da sociedade, da proxima geração, e devem aprender subir os degraus das difficuldades moraes, assim como appredem a subir os degraus de uma escada propriamente dicta.

Toda a educação é um crescimento e não uma criação.

Uma criança vae ao *Kindergarten*, assim como um aprendiz vae á officina, para aprender um officio. O verdadeiro *jardim da infancia* é um pequeno mundo em que cada criança aprende que a sua felicidade individual depende da felicidade e harmonia e felicidade de cada membro desta pequena communitade, e que qualquer desordem de paixões, ou manifestações de egoismo, promptamente travarão as brilhantes rodas da felicidade e do gozo.

O desenvolvimento do coração depende do conhecimento da lei do dever e da lei do amor; é necessario que lhe sejam inculcados costumes, virtude, verdade, pureza e desinteresse.

E que é o caracter senão um costume crystalizado?

Recapitulemos, pois, e vejamos o que é que o *Kindergarten* faz para uma criança:

1— a sua instrução desenvolve a triplice natureza da criança;

2—o seu objecto é a formação do caracter por meio de um harmonioso desenvolvimento do corpo, do espirito e da alma;

3—propõe-se chegar a esse fim por meio de divertimentos, trabalhos infantis e constantes exercicios na pratica do bem;

4— reconhece e procura desenvolver a individualidade da criança;

5— fornece-lhe sociedade e convivencia com outras creanças, de quem ellas adquirirão as primeiras noções dos seus direitos de cidadão;

6— dá o melhor preparo para a vida escolar;

7— esforça-se por preparar as creanças, não só para o presente, mas tambem para a eternidade.

MARGARET HOLDER.

DISCURSO

proferido pelo director da «Escola Complementar», de Campinas, Antonio Alves Aranha, por occasião da formatura da primeira turma de professores, em 1906.

E' tal a magnitude deste acto, tal a sua significação e seu alcance, que eu sou impellido a congratular-me convosco e com toda a familia campineira.

O dia de hoje é para todos nós um dia de festa, cheio de esperanças. E' o dia em que a Escola Complementar de Campinas entrega, ao Estado de São Paulo, a sua primeira phalange de evangelisadores da grande causa do ensino que se identifica com a grande causa da democracia, com a causa da patria e da civilização. Para mim, senhores, para mim particularmente, o dia de hoje é um dia de triumpho, do triumpho que se alcança no desempenho de um compromisso de honra.

Ha quatro annos, quando o Governo de São Paulo, pela voz de nosso illustre conterraneo, dr. Bento Bueno, me destacou, dentre collegas tão competentes, para vir occupar a directoria deste estabelecimento, o meu primeiro sentimento foi de entusiasmo e de orgulho.

Esse orgulho, senhores, não era simplesmente o orgulho de funcionario honrado por uma prova de confiança dos seus superiores hierarchicos; esse orgulho era, muito mais, o orgulho de um campineiro que estremece a sua terra natal e que viu apresentar-se a oportunidade de prestar-lhe um serviço de certa relevancia.

Passado, porém, esse momento, eu senti-me como que esmagado sob o peso de uma tremenda responsabilidade.

Eu vinha trabalhar na terra illustre, onde trabalharam Julio Ribeiro, João Vieira e outros; na terra que fundou o Collegio Culto á Sciencia como um monumento de sua mentalidade; na terra que se illustrou na Europa com Carlos Gomes e Corrêa de Mello; na terra gloriosa de Moraes Salles, de Quirino dos Santos, de d. João Nery; na terra

emfim que se tornou tradicional pelo arrojo de seus emprehndimentos, pelo adiantado de suas ideias.

Senti-me sem forças para assumir tal responsabilidade; e, si aqui estou, foi porque o sentimento do dever falou mais alto do que a minha timidez. Vim, não para brilhar, mas para formar esta pleiade sympathica e esperançosa que ha de honrar a Escola Complementar de Campinas, affirmando praticamente, pelo seu trabalho, todo o meu esforço, toda a minha boa vontade, todo o meu desejo de prestar serviço á minha terra.

Eu vol-a apresento, senhores, convencido de que, si a Escola Complementar não brilhar sob minha direcção, esta mocidade, cheia de vida e de esperanza, ha de brilhar para honra de sua terra e para honra deste estabelecimento de ensino.

Senhores professorandos!

Eu devo, antes de tudo, agradecer-vos a honra que me dispensastes escolhendo-me vosso paronympho.

Sabeis que não sou orador, que nem sequer devo levantar a voz na terra onde ha oradores da estatura de Bierrimbach e de outros.

Sacrificastes uma parte da belleza de vossa festa para me dar uma prova de vossa affeição, para me dar um alento no meio dos trabalhos e dos dissabores de que é tão fecunda a vida de um director.

Eu comprehendendo o vosso sacrificio e não busco palavras para encarecel-o, mas quero apresentar-vos desta tribuna a minha profunda gratidão.

Ao completardes os vossos estudos, vos preparaes para uma serie de trabalhos que ainda não conheceis.

Ides dar os primeiros passos em procura de um futuro que se vos afigura cheio de rosas, deixando a vossa vida de alumnos que natural-

mente vos parece um passado de soffrimento e de contrariedades.

Entretanto eu vos direi que atravessastes os tempos mais felizes e que tendes diante dos olhos um futuro cujos encantos dependem de vós mesmos, que ides preparal-os.

Na senda do altruismo que tendes a percorrer, encontrareis espinhos e escabrosidades entrecortados de flôres plantadas em planos aparelhados pelas mãos dos que bem sabem comprehender os serviços de um mestre; e nesse caminhar constante, nessa lucta que muitos chamam ingloria, recebereis alternativamente o balsamo consolador e o calix de amargura como recompensa do vosso trabalho.

Não vos desanimeis por isso, senhores professorandos.

Pelo cumprimento do dever chegareis a occupar no seio da patria agradecida um lugar de honra reservado pelos vossos proprios desaffectos, depois que tiverdes trabalhado somente para merecer os applausos da consciencia.

Aqui viestes receber de vossos mestres os ensinamentos que vos habilitaram para o exercicio de uma das mais nobres profissões liberaes, e trouxestes da casa paterna a base indispensavel para uma conquista moral.

A missão de vossos professores foi uniformisar os vossos corações, aperfeiçoando aquillo que recebestes de mãis carinhosas; foi instruir o vosso espirito e completar a vossa educação; foi desenvolver o sentimento de civismo, de amor ao trabalho, do dever, da disciplina; foi emfim incutir no vosso espirito o methodo pratico a seguirdes no desempenho de vossa nobre e ardua missão.

Fazer neste momento uma dissertação sobre o complexo assumpto da educação humana e enumerar, a titulo de conselhos, os principios da pedagogia, seria condemnar-vos a um sacrificio, retardando a hora de vosso regresso ao seio da familia, onde tantas alegrias vos aguardam.

Ha dezeseite annos eu recebi, como

vós, o diploma de professor preliminar.

Dirigindo-se aos professorandos na qualidade de paronympho, o sr. Caetano de Campos fez ver a importancia da instrucção popular na obra do engrandecimento nacional.

Vou citar algumas de suas palavras nesse discurso que fez epoca.

« E serás tu, modesto mestre-escola, o operario desse importante edificio.

Como o polypeiro que amontoa no fundo do oceano os detritos calcareos de seu organismo e os vai lentamente justapondo, até que um dia na flôr das aguas desabrocha um recife que será em breve uma ilha, uma terra, um continente, tu serás o architecto do porvir, o sustentaculo de todas as liberdades, o alicerce da patria.

A escola será um ninho onde tua paternal solicitude acalentará os filhos implumes.

Ahi lhes darás o alimento que só tu sabes escolher; ahi os protegerás com o teu proprio corpo e com o calor do teu sangue contra o rigor do frio e da chuva; ahi vigiarás o germinar das azas com que elles hão de fender os ares e apossar-se do mundo. Ficarás então pousado á beira do ninho paterno com o olhar indeciso de quem oscilla entre a duvida e a esperança.»

Estas palavras, senhores professorandos, encerram o summario dos vossos deveres de segundos paes que sereis; ellas pintam ainda com fidelidade o estado do meu espirito no momento em que deixais esta escola e a convivencia dos vossos mestres para assumir as graves responsabilidades do magisterio.

Idesprehender uma viagem longa e cheia de incertezas. Em vez de vos assignalar os escolhos e as barreiras que tereis de sobrepujar, eu vos apontarei simplesmente uma estrella polar capaz de guiar-vos com segurança nos mares que ides affronter, e nos quaes encontrareis escolhos de preconceitos, nevoeiros de obscurantismo, gelos de indiferença, calmarias de desalento.

Essa estrella é um ideal.

Sim, senhores professorandos, tendes um ideal, um ideal elevado, porque o ideal é como o iman que orienta todas as nossas energias, imprimindo-lhes uma direcção convergente e harmonica.

Ponde o vosso ideal onde quizerdes, mas tende um ideal.

Ponde-o na conquista de um nome honrado, na satisfação de vossos paes, no futuro de vossos filhos.

Ponde-o na gloria de vossa terra natal cujos olhares se voltam neste momento para vós, cheios de esperanças.

Ponde-o, mais alto si puderdes, no engrandecimento desta grande Patria, onde tudo é majestoso, desde o estuario do Amazonas até as quedas de Paulo Affonso.

Tende um ideal, senhores professorandos, e o ideal entrando em vossas almas fará creptir a chama daquelle enthusiasmo que sustenta o marujo em frente á tempestade e o sabio no isolamento do laboratorio; daquelle enthusiasmo que arroja o soldado contra as trincheiras onde a morte o espera e que é necessario em todas as profissões principalmente nesta profissão de continua abnegação que é o magisterio.

Meus concidadãos.

Houve quem deesse a esta terra o nome de Meca da Republica.

Foi daqui effectivamente que partiu o brado de guerra contra as instituições monarchicas; foi daqui que sahiram para a gloriosa jornada de 15 de Novembro os illustres generaes Campos Salles e Glycerio.

Pois bem. Não basta demolir: o que é mais importante é reconstruir.

O brado da Convenção de Itú, transitando por Campinas onde ganhou resonancia e vigor, echoou por toda a Patria e fez surgir a Republica.

A Republica, porém, senhores, veio encontrar uma legião de analphabe-

tos. A Republica só será uma realidade quando o analphabetismo tiver desaparecido, quando cada cidadão souber conhecer os seus direitos e os seus deveres.

Campinas concorreu para a queda da monarchia. Campinas deve agora completar a sua obra levantando sobre os escombros do regimen extinto o edificio de uma republica baseada na instrucção do povo. E Campinas offerece hoje á Patria o primeiro contingente que sae de sua Escola Complementar.

Tal é a significação desta solenidade. Tal é o alcance desta festa em que a Escola Complementar de Campinas entrega ao Estado os seus primeiros professores que irão levar atravez dos povos o evangelho luminoso da instrucção; porque é preciso dizer como o poeta campineiro:

« Porque já alguém o disse e eu digo neste instante,
Ninguém direito tem de ficar ignorante.»

Senhores.

Não faz muitos dias, o illustre titular da pasta da marinha, ao ser interpellado sobre o seu programma de governo, dirigiu seu olhar para os navios de guerra eternamente ancorados na bahia do Rio de Janeiro e, depois, voltando-se para a briosa mocidade da Escola Naval, bradou:

— Rumo do mar!

Pois bem, senhores professores, meus novos collegas. Dentro de meu ser surge neste momento uma interrogação sobre o vosso destino.

Eu, vendo diante de mim esta grande Patria que a Republica libertou, mas que ainda não sabe fazer uso de sua liberdade, volto cheio de esperança para vós os meus olhares, e paraphraseando a ordem do almirante Alencar, eu vos digo neste momento:

Avante!

Rumo do porvir!

MINHA JANGADA

« No mar eu tive meu berço,
Morrer eu quero no mar. »

RENÉ BARRETO.

Eia, jangada ligeira,
Nas crespas ondas do mar!
A luta — seja a bandeira
De quem só vive a remar.

Que haja a morte á flôr das aguas
E o desespero no espaço!
Eu, no mar, não sinto maguas
Si o mundo vejo em fracasso.

No mar eu tive meu berço,
Morrer eu quero no mar.

Que importa o vento em lufadas
Rasgando o bojo das velas!
As ondas encapelladas
Sempre ha de o nauta vencel-as.

Mas, si os afaços da brisa
Nos vêm o panno enfumar,
Como a jangada deslisa,
Como se vive no mar!

No mar eu tive meu berço,
Morrer eu quero no mar.

Quanta cantiga se canta
Nesse festivo momento.
E' tanta alegria, tanta,
Que a leva p'ra longe o vento. . .

Não sei eu como se vive
Outra vida sem o mar,
Pois eu nunca vida tive
Sem suas aguas fitar.

No mar eu tive meu berço
Morrer eu quero no mar.

A. R. DE C.

JATOBÁ

Nesta chapada verde em que teu vulto impéra,
Hoje de cada moita uma voz se levanta,
Para cantar a Vida; e a Vida em cada planta,
A Vida em cada arbusto, esplendida, exubéra.

Tu morreste, porém; de balde a Primavera
Chega; e, para saudal-a, a Natureza canta.
Que importa si teu vulto a passarada espanta!
Que importa, velho rei, si o machado te espera!

Morreste, e nunca mais, como nos tempos idos,
Verás na Primavera os teus galhos floridos,
Terás como tiveste arvoredo copado.

E tu já foste rei duma antiga floresta,
E hoje, invalido e só, nem ao menos te resta
Um sabiá que te cante as canções do Passado*

RICARDO GONÇALVES.

TRES ENIGMAS

Na mesma igreja entravam nesse instante
O enterro, o casamento e o baptisado.
Riam os noivos, soluçava o infante,
E o morto—duro, inérte, enregelado!

E chorava a pequena creatura,
Ao receber a graça do baptismo.
E sorriam os noivos... na loucura
De quem dança nas bordas dum abysmo.

Só não chorava nem sorria o morto.
Os mortos têm essa aparente calma
Dos velhos nautas, que, ao entrar num porto,
Nada relevam do que sentem nalma...

E eu disse commigo, contemplando
O riso, o pranto e esse caixão fechado:
Pranto inutil, sorriso miserando!
Qual é delles o menos desgraçado?

MUCIO TEIXEIRA

LITERATURA

HYMNO DA REPUBLICA

Lá vem, do ceo azul rasgando a face,
O bando das ideias generosas. . .
Com um rebanho de aguias luminosas
Que um tufão do deserto arrebatasse!

Deixae... deixae passar o bando augusto
Das rubras e candentes *utopias*. . .
Que vêm metter no leito de Procusto
As rotas tyrannias! . . .

Abri o coração. . . abri o peito. . .
Deixae rolar a onda bemfeitora!
Cantae! Cantae a musica sonora
Da justiça, do amor e do direito!

Descansae sobre a terra o vosso malho
E vinde honrar a immensa divindade,
Erguendo os hymnos sacros do trabalho
A' Deusa Liberdade!

Do despotismo a arvore sombria
No solo do futuro cae; não medra. . .
Eu já ouço ruir pedra por pedra
A columna fatal da tyrannia! . . .

A aguia da razão silvando vòa,
Deixando para traz, no chão da liça,
O *castello da fé* que se esborôa
Ao clarão da justiça!

Rasgue-se o véo nos porticos da gloria!
Rebente a luz da rota catarata!
Vacille o throno sobre a terra ingrata!
Role a thiara no arcal da historia!!!

Avante! Avante!... 'hi vem a madrugada...
Vamos rompendo á *noite* o véo escuro,
Até irmos cair, brandindo a espada,
No seio do futuro! . . .

ASSIS BRASIL.

Hymno Complementarista

(*Offerecido ás alumnas do Curso
Complementar annexo á Escola Nor-
mal, pelo sr. dr. José de Freitas
Guimarães*).

Eis o termo feliz da jornada,
Que á carreira do ensino conduz.
Foi-se a treva, que havia na estrada.
Veiu o sol e inundou-a de luz.
De mil maguas—milhares de espinhos—
Triumphou, atravez dos caminhos,
Nosso ardente e jovial coração.
Do trabalho a semente bemdicta
Cae no seio da terra, palpita
E logo enche de flôres o chão.

Estudámos muitissimo, é certo,
Mas podemos com garbo dizer,
Ao deixar este templo deserto,
Que levamos connosco o saber.
Proclamar poderemos, felizes,
A justiça dos nossos juizes,
As sentenças de quem nos guiou.
Desta casa quem sae galardoado
Sae de pé: nunca sae humilhado.
Sae, talvez, mais altivo que entrou.

Para vós, outra estrada mais larga
Vão-se abrir, sob a luz destes ceos!
E' chegada, portanto, a hora amarga
De trocarmo-nos, tristes, o *adeus!*
Seja a magua que o seio nos punge
O oleo sancto daquelle que se unge
Para entrar noutra vida melhor.
Seja um élo esta nossa saudade
De reciproca e franca amizade,
Cada vez mais sincera e maior!

SONETO

Deserta a casa está; entrei chorando
De quarto em quarto em busca de illusões;
Por toda a parte as pallidas visões!
Por toda a parte as lagrimas falando!

Vejo meu pae na sala, caminhando,
Da luz da tarde aos tepidos clarões;
De minha mãe escuto as orações
Na alcova, aonde ajoelhei rezando.

Brincam minhas irmãs... doce lembrança—
Na sala de jantar... Ai mocidade!
E's tão veloz e o tempo não descansa!

Oh! sonhos, sonhos meus de claridade!
Como é tardia a ultima esperança!
Meu Deus, como é tamanha esta saudade!

JOSÉ BONIFACIO

DE MADRUGADA

Acordo. A madrugada, preguiçosa,
Dorme. Inda jaz em trevas o Levante.
Silencio em tudo. A rama farfalhante
Das arvores agita-se queixosa.

Abro a janella: noite lacrimosa.
Chovisca. Fito o azul do ceo distante.
Névoas... nem brilha um astro lucinante,
Nem apparece a aurora, tinta em rosa.

Nisto meu filho acorda e ri-se. A aurora
Rompe no claro ceo dos meus amores,
Que nos seus olhos candidos diviso!

Como ha de a aurora fulgurar lá fóra?
Como, si estão todos os seu fulgores
Naquelles olhos e naquelle riso?

FILINTO DE ALMEIDA

NA SOLEDADE

O misero que deixa o tecto hospitaleiro
E nelle o pae, a mãe — o coração inteiro,
Por vezes ao chegar ao pincaro da serra,
Donde se avista ainda a desejada terra,
A terra onde nasceu, preso de immensa magua,
Estatico, solemne, os olhos rasos dagua,
Dalli envia o triste aos deuses do seu lar
O derradeiro adeus, num derradeiro olhar...

Scismava eu assim, quando, em longiquas plagas,
Docemente embalado ao marulhar das vagas,
Eu via o sol no occaso a contemplar o mundo
Com triste, immenso olhar, olhar de moribundo.
E ai, quanto me lembraste! O' tempo de creança!
O' ninho de illusões!

Meus sonhos de esperança,
Tão cheios de luar e canticos frementes,
Na fimbria do horizonte eu via-os ir passando,
Bem como ao sol do outomno, um luminoso bando
De alcyones dormentes

Senti correr á flux o pranto pelas faces...
O' minha santa mãe, talvez tambem chorasses
Naquella mesma tarde, áquella mesma hora,
Sentada no portal onde eu te disse outrora,
Depois de receber a bençãem de meu pae,
O derradeiro adeus num derradeiro ai...
Senhor! O' como é doce a quem anda de rastros
Nas lutas em que o corpo é o menos que deixamos
Ter lagrimas ainda!

As lagrimas são astros.

Bemdito sejas tu, ó pranto que choramos!

GUERRA JUNQUEIRO

Quinze de Novembro

COMEDIA INFANTIL EM UM ACTO

Original de C. A. Gomes Cardim

Personagens — A., B., C., D., E.

(A. está muito triste, e é cercada por suas collegas que indagam, com interesse, a causa).

B. — Que é isso, A.? Você é tão alegre, está sempre prompta para contar historias engraçadas e, agora, se apresenta dessa maneira!

A. — (apparentando calma) Nada, minhas queridas. Vocês é que estão phantasiando.

C. — Fale a verdade, A.; você está muito contrariada; não é exacto?

A. — Eu não estou propriamente contrariada; sinto-me um bocadinho doente.

(Todas, com cuidado, cercam-na e, impertinente, perguntam o que é que ella tem, e ella, por esse motivo, é obrigada a dizer que não tem nada).

B.	simultanea- mente	{ Que é que tem você?
C.		{ Que é que dóe?
D.		{ Está você com febre?
E.		{ Tem você dôr de cabeça?

A. — Nada, nada, queridinhas, estou brincando; eu me fingi de triste, (forçando o riso) para vêr o que é que vocês faziam. Vocês são muito boasinhas.

B. — (dirigindo-se a A.) Você não está dizendo a verdade.

C. — E, Deus me perdôe, eu acredito que não seja doença.

A. — (com enfado) Mas para que querem vocês saber a causa da minha tristeza, si não podem dar remedio?

D. — (gracejando) Quem sabe? Dizem que não ha quem não saiba medicar.

E. — A., nós somos todas amigas de você e por isso desejamos participar da tristeza que a acabrunha,

como nos associamos ás alegrias de que se achasse possuida.

A. — Vocês têm razão. Eu vou abrir o meu coração e quero que vocês descubram um balsamo para allivial-o.

B. — Fale-nos com sinceridade, A., que nós estamos anciosas por saber a causa do seu soffrer.

A. — Pois bem, ouçam. Eu desejo muito ir assistir aos festejos que se realizam na cidade, e (chorosa) papae não quer consentir.

Todas — Oh! Oh!

C. — Então é essa a causa de toda a tristeza?!

A. — Certamente. Eu que estou toda promptinha, com meu bello vestido, com minhas luvas lilaz, com meu chapeo de plumas brancas e, por um capricho do meu pae, tenho que ficar em casa. (Limpa uma lagrima).

D. — Mas qual é o capricho?

A. — Um capricho que não parece de um velho.

B. — (com auctoridade) Minha amiga, os nossos paes vêm mais do que nós. O que nos parece, muitas vezes, azul elles vêm negro; na estrada que nos parece alcatifada de flôres elles muitas vezes descobrem espinhos. Elle que não quer que você vá é porque ha motivo justo.

A. — Qual motivo justo! Bem injusto é que eu o acho.

B. — Nesse caso, você conhece o motivo.

A. — Perfeitamente, e é por isso que eu o acho barbaro e deshumano.

C. — (anciosamente) Qual é então?

A. — Meu pae só me levará á cidade si eu fizer um trabalho que é superior ás minhas forças.

B. — (com *sizudez*) Você me perdôe, mas eu não acredito.

A. — (zangada) Ora muito bem! (*dirigindo-se a B.*) Você ainda se vira contra mim! Pois não digo mais nada.

Todas — Diga! Diga!

A. — Não digo. Vocês não são minhas amigas.

Todas — Que injustiça!

B. — (meigamente) Não seja má-sinha, A.. Conte-nos qual é o trabalho que você acha superior á sua força.

C. — (para A.) A união faz a força; nós nos unimos e fazemos a força que você precisa. Não ha nada mais logico.

B. — Parece-me que C. tem razão. Quem sabe si com o nosso concurso, poderá ir você á festa tão desejada?

(A, faz uma *physionomia* de quem acha o *x* da questão).

A. — Pois bem, vou dizer.

Todas — Bravos!

A. — Meu pae só me levará á cidade si eu disser a causa da festa que se commemora.

Todas — Ora! Ora!

B. — (rindo-se). Só isso? (*riso*). Só isso? (*riso*).

A. — (indignada) E acha você pouco?

B. — Eu acho que esse é o trabalho mais simples que seu pae poderia dar.

A. — Não disse eu que vocês não são minhas amigas?! Vocês ainda me redicularizam. Eu protesto contra isso.

D. — Eu protesto contra o seu protesto que só protesta por protestar porque é um pretexto esse protesto.

Todas — Riso.

A. — (indignada) Deshumanas! Falsas amigas!

B. — Não faça caso da brincadeira de D. Não se inquiete com o seu trabalho e para provarmos que não é verdade o que você (*dirigindo-se a A.*) diz, vamos auxiliá-la.

A. — (zangada) Não preciso! Não preciso!

B. — Acalme-se, minha querida. Não se zangue! Trabalharemos juntas;

diga-me quaes são as suas dificuldades?

A. — (incredula) Está você falando com sinceridade?

B. — Estou falando como verdadeira amiga.

A. — Pois bem, vou narrar a vocês a minha fraqueza. Eu *nunca, já-mais, em tempo algum*, poderei comprehender qualquer lição de Historia.

D. — C'est trop fort.

A. — Eu trabalho, estudo, decóro e meu pae faz-me uma pergunta e nada!

C. — Eu tenho uma idéia.

Todas — Qual é! Qual é!

A. — Uma de nós faz um resumosinho do ponto e...

D. — (atalhando) Perfeitamente. Uma de vocês faz o resumosinho do ponto e...

Todas — Riso.

E. — Mas a difficuldade está na escolha.

C. — Podemos fazer a escolha por aclamação.

D. — Muito bem. Eu proponho para fazer a synthese synthetica da analyse analytica...

Todas — Riso.

D. — ... da dissertação a dissertar a nossa distincta collegial collega B.

Todas — Bravos! Muito bem!

B. — Muito e muito obrigada, colleguinhas. Procurarei corresponder á sua confiança.

(*Em tom de discurso*). A propaganda republicana no Brasil data de tempos bem remotos.

A lucta por esse ideal, talvez, começe com Philippe dos Santos, em Minas, em 1720.

O Brasil colonial já aspirava a uma fórmula liberal de governo; queria dar um passo agigantado na senda do progresso; queria galgar o ponto mais culminante a que pôde chegar um povo — almejava a Republica.

De Norte a Sul do Brasil, soprados pela brisa fagueira da esperança, amparados pela alavanca poderosa do patriotismo, surgem vultos proeminentes que levam o seu ideal até ao sacrificio, que levam a sua seita até ao martyrio.

Haja vista as immortaes victimas do amor á patria nas paginas sublimes da Inconfidencia Mineira, Revolução Pernambucana de 1817, a Confederação do Equador, a Republica de Piratinim e a Republica Bahiense.

O povo brasileiro lutava pela sua emancipação politica com a temeridade de um convencido.

Os republicanos multiplicaram-se como por encanto.

A mocidade generosa em todos os tempos, com o impulso de seu possante entusiasmo fazia crescer com impetuosidade a onda libertadora da Patria.

A nossa querida Patria tem tres datas que nos tocam immediatamente ao coração, que nos falam directamente á alma e que exultam o nosso amor patrio, porque significam esforços ingentes, porque significam victorias conquistadas pelo direito da razão: quero me referir ás datas Sete de Setembro, Treze de Maio e Quinze de Novembro.

A Sete de Setembro de 1822, deuse a independencia desta Patria adorada, deste ninho soberbo de vultos eminentes, deste tumulto extremecido de nossos avós.

A Treze de Maio de 1888 raiou sublime a liberdade para uma parte de nossos irmãos que vivia sob o pezo execrando da instituição nefanda — a escravatura.

A Quinze de Novembro de 1889 completou-se o cyclo das mais legitimas das aspirações brasileiras, derubando-se o unico throno erguido na gloriosa America.

(*As outras meninas dão uma salva de palmas*).

O governo imperial gradativamente se desprestigiou; a sua força moral baqueava sempre diante da prepotencia dos ataques ininterruptos dos valorosos propagandistas republicanos; os seus proprios fervorosos afeiçoados se retrahiam descrentes, abatidos pelas constantes derrotas, humilhados pelo papel servil que eram obrigados a representar.

A monarchia era, pois, um fructo sazonado, batido constantemente por

impetuosas rajadas: a sua queda era inevitavel.

Foi no dia 15 de Novembro de 1889 que o povo, unindo-se entusiasticamente ao exercito e á armada, proclamou a Republica Brasileira.

Queridinhas, tenho medo de vos cansar.

Todas. — Não apoiado.

B. — Vou, por isso, referir-me aos vultos mais eminentes que ultimarão o grande empreendimento nacional, e, unicamente a esses, pois que um resumo da memoravel data de 15 de Novembro não pode computar o numero consideravel de patriotas que concorreram para esse desideratum.

Ha dois extraordinarios vultos na historia da proclamação da Republica Brasileira — Benjamim Constant e marechal Deodoro.

O primeiro, com a robustez de seu cerebro, com a convicção inabalavel de sua crença, com a rigidez férrea de seu character impolluto, foi a cabeça pensante, foi o temerario organisador da revolução.

O segundo, o militar cheio de serviços á Patria, o soldado experimentado e destemido, o acrysolado representante do brio nacional, foi o braço possante e audacioso da revolução triumphante.

Benjamim Constant e Deodoro são os vultos soberbos que mais se salientaram, enfrentando todos os perigos, que mais os dignificaram, resolvendo com perseverança todas as difficuldades.

Antes de concluirmos a nossa modesta synthese é de justiça salientar o nome saudoso e venerando de Floriano Peixoto, o exemplo vivo do amor á Patria, o abnegado consolidador da Republica.

Viva a Republica Brasileira!!

Todas — Viva!

A. — Muito bem, minhas amigas (*dirigindo-se a B.*) As suas palavras foram repassadas de tal sentimento que me ficaram indelevelmente gravadas.

C. — Como é isso? Até aqui você nada comprehendia do ponto de Historia do Brasil, e, agora, comprehendendo tudo...

D. — Faz desconfiar.

E. — Pois compreendo a causa toda deste phenomeno.

C. — Qual é?

D. — A nossa amiga é bastante estudiosa mas tem um defeitosinho que muita gente tem que é o de decorar.

A. — Eu estava acanhada e não queria denunciar o meu fraco, mas agora que elle está conhecido eu confesso que devo á minha util e dedicada amiga B. o grande serviço de ter me mostrado de um modo brilhante quanto é bonito o estudo da Historia Patria, e, ao mesmo tempo, ter-me mostrado que se pode falar de improviso sobre um ponto de historia desde que o mesmo tenha sido comprehendido.

Eu comprehendí perfeitamente o que disse a minha bôa amiga e agora estou certa que irei á festa.

Até aqui julgava que a Historia

era uma disciplina ingrata e impossivel de ser estudada, mas, agora, sua explicação me despertou o entusiasmo por essa materia que eu detestava.

B. — Acredito (*dirigindo-se a A.*) que você esteja exagerando um bocadinho; entretanto a sua confissão patentea uma grandeza de espirito, a pureza de character.

E. — Agora quero fazer uma proposta...

Todas — Fale! Fale!

E. — Como vocês sabem, eu sou muito republicana.

D. — Até á medula dos ossos.

E. — Por isso, como vamos dentro em pouco render um preito de homenagem á Republica, participando das festas que lhes fazem, começemos já a nossa homenagem cantando o Hymno da Proclamação.

(*Cantam o Hymno da Proclamação.*)



ENSINO CIVICO-LITERARIO



MARECHAL DEODORO

Quinze de Novembro

A Nação Brasileira adopta como fórma de governo, sob o regimen representativo, a Republica Federativa proclamada a 15 de novembro de 1889, e constitue-se, por união perpetua e indissolvel das suas antigas provincias, em Estados Unidos do Brazil.

(Art. 1.º da Constituição Federal).

A Proclamação da Republica no Brazil se deu no dia quinze de Novembro de 1889.

Era rei do Brazil nesse tempo D. Pedro II.

O cabeça da proclamação da Republica foi Benjamin Constant Botelho de Magalhães e o braço executor foi o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

Deodoro era alagoano e muito estimado pelos militares republicanos.

D. Pedro II, vendo o perigo que corria a monarchia, arranjou uma expedição para mandar Deodoro para Matto Grosso porque lá havia muitas doenças e mau clima.

Deodoro, ao passar em Santos, conversou com o reporter de um jornal e disse-lhe: — Si tivesse de ir para o ceo, ao morrer, S. Pedro me serviria de guia; si tivesse de ir para o inferno, pediria a qualquer politico que me guiasse; e, si

viver mais alguns annos, estarei cantando no Brazil como gallo de torre.

O fervor pela Republica no Brazil levou ao tumulo muitos Brasileiros illustres como Tiradentes que foi o proto-martyr da Independencia do Brazil.

O Marechal Deodoro, ao voltar de Matto-Grosso, proclamou a Republica sem o menor derramamento de sangue.

Deram vinte e quatro horas de prazo para que a familia real deixasse o Brazil.

Na Republica não ha familia de *sangue azul* como no Imperio ou no Reino.

Na Republica o povo escolhe o cidadão que quizer para Presidente.

Na Democracia ou na Republica o cidadão faz o que entender, isto é, não sendo isso contra a lei.

Depois de proclamada a Republica formaram um governo provisorio tendo como presidente o Marechal Deodoro que depois foi elevado a generalissimo e vice-presidente o Marechal Floriano Peixoto.

Benjamin Constant, orpham em verdes ramos, assentou praça e depois foi lente da escola militar.

Marechal Deodoro já se tinha distinguido na guerra do Paraguay.

O primeiro presidente effectivo, constitucional foi o Dr. Prudente de Moraes; o segundo foi o Dr. Campos Salles; o terceiro, o Dr. Rodrigues Alves e o actual, o Dr. Affonso Penna.

Salve, Marechal Deodoro! Salve, Benjamin Constant! Salve, Floriano Peixoto!

ANNIBAL M. GONÇALVES.



COLLABORAÇÃO

Psychologia da Infancia

A psychologia da creança é, aos nossos dias, objecto de estudo especial em todos os paizes, mas, sobretudo, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Allemanha.

Na Inglaterra existem duas escolas para estudos psychologicos: a *British Child Study Association* e a *Childhood Society*.

Na Allemanha os psychologos da infancia dedicam os seus estudos quasi que exclusivamente a escopos pedagogicos. Elles procuram o meio de poder fixar os limites do trabalho muscular e mental, de que são capazes creanças e rapazes. A maior parte dos seus estudos é publicada numa revista especial:—*Kinder-Fehler*. Oxalá que, quanto antes, se possa resolver o grave problema do chamado *surmenage* escolar, ou seja do excessivo trabalho imposto á juventude, que frequenta os estabelecimentos de instrucção.

A reportage ESCOLAR

Earl Barnes, a senhorita Catharina Dodd e outros, para executar o seu programma, vão, munidos de especial auctorização, de uma escola a outra; conversam com os alumnos durante o tempo do recreio e registam cuidadosamente as respostas ás variadas perguntas que lhes dirigem, fazendo em seguida interessantes confrontos entre as escolas da cidade e as do campo, entre institutos leigos e clericas.

Os resultados desta *reportage* escolar são muito interessantes. Por

exemplo, Earl Barnes constatou que nas escolas de Londres e de S. Francisco o ensino da historia é considerado um pesado exercicio de memoria e se não explica aos alumnos, quasi nenhum dos termos que nesse ensino são commumente empregados. Nem um dos alumnos — entre os nove e dez annos — interrogados por Earl Barnes, soube dizer, nem mesmo approximadamente, que é um frade, um castello, um cavalheiro, etc..

PESQUIZAS DE MISS DODD

Vendo que os meninos das escolas primarias não comprehendiam a historia, porquanto o passado lhes não é explicado segundo um methodo racional, miss Dodd, quiz indagar si ao menos sobre o presente eram dadas aos alumnos noções certas, limitando a sua investigação a coisas geraes e de argumento escolar. Eila, portanto, propoz a um certo numero de alumnos das escolas da cidade de Londres e das do campo em uma localidade de Lincolnshire, as seguintes perguntas:

« *Que é um policeman, um carreiro, um soldado, um rei, um lente, um membro do parlamento, um negro, uma commissão escolar?* »

A grande maioria respondeu sufficientemente bem ás primeiras quatro perguntas; quanto ás outras, só 37 por cento soube dizer o que é um lente, e 71 por cento um depucado, 63 por cento um negro, 39 por cento uma commissão escolar: isto nas escolas da cidade.

Nas escolas do campo as proporções são mais ou menos eguaes, menos para o lente (8 por cento) e pela commissão escolar (8 por cento).

ALGUMAS DEFINIÇÕES

O policeman

E' interessante passar em resenha algumas das definições dadas pelos escolares. Eis algumas daquellas referentes ao *policeman*.

— O *policeman* guarda as nossas casas e põe na cadeia os bebados.

— O *policeman* é um homem que prende os assassinos.

— O *policeman* é aquelle que leva para a cadeia os ladrões.

— O *policeman* é um homem alto e forte que está na estrada para impedir as brigas.

— O *policeman* é aquelle que procura fazer observar as leis.

— O *policeman* é um cidadão que apparece quando a gente faz barulho.

Todas estas definições foram dadas por alumnos das escolas da cidade de Londres. Como se vê, os meninos não consideram sinão algumas das diferentes funções do individuo em questão.

A penultima definição é evidentemente uma phrase que a creança ouviu de alguem, pois é impossivel que por si só chegue a uma noção tão abstracta.

E agora passemos aos alumnos das escolas do campo.

— O *policeman* é um homem que vae nos logares onde estão os mercados para prender os bebados.

— O *policeman* é aquelle que leva os vagabundos e os mendigos á presença do juiz, o qual os manda para a cadeia.

— O *policeman* é o homem que grita aos cyclistas para que toquem as campainhas, quando atravessam a aldeia.

— O *policeman* é aquelle que leva para a cadeia os homens que não guiam os cavallos segurando-os pelas redeas.

O *policeman* é aquelle que vigia para que não haja ladrões nas estradas.

— O *policeman* é um homem que pega os gatunos quando pôde.

Um menino de doze annos, de Lincolnshire, deu por escripto a seguinte resposta :

« O *policeman* é um homem que vos levará para a cadeia si fizerdes qualquer coisa de mau; e vos deixará lá por muito tempo, com um pedaço de pão duro e nada mais a não ser agua. E elle vos dará pauladas si fordes menino ou menina; si, porém, sois um homem, elle vos fará pagar uma quantia e ás vezes vos dará pauladas e perdereis muito sangue e vos fará trabalhar fatigadamente. »

O carteiro

Dentre todas as definições sobre o carteiro do campo só ha uma pittoresca.

— O carteiro é um homem que percorre muita estrada para nos trazer as noticias.

O soldado

As definições sobre o soldado apresentam uma variedade singular.

— O soldado é um homem que vae para o exercito para apprender a pular.

— O soldado é um *gentleman* que deve bater-se em certos momentos do anno.

— O soldado é uma pessoa que peleja na terra.

— O soldado é um homem que deve marchar direito, direito, e, si o não faz, é castigado.

O rei

Sobre o rei, só ha uma definição característica :

O rei é um bonito *gentleman* que vive em um palacio e carrega a corôa quando está assentado no throno. Elle tem soldados que pelejam para si e ás vezes elle mesmo tambem peleja.

O lente

Muitos alumnos da cidade não sabem representar o seu mestre como um professor authentico, o qual é para elles um simples instructor (*teacher*).

Os lentes *verdadeiros* são os que se occupam de coisas inteiramente diversos do ensino.

— O lente é um homem que escreve historias, que faz livros, que publica alguma coisa.

— O lente é um homem que se sujeitou a um exame muito difficil; é um homem muito sabio, muito conhecido pela sua instrução, cheio de bom senso, que trabalha com muita facilidade, que se traça bem, que mora em casa bonita.

O lente é uma pessoa a qual annuncia que está para fazer qualquer coisa.

— O lente é um homem que diz ser capaz de fazer alguma coisa.

O deputado

Não menos singulares são as ideias das creanças a respeito dos membros do parlamento.

— Um membro do parlamento é um homem que procura fazer as leis.

— Um membro do parlamento é um homem que se ajunta com outros membros do parlamento diversas vezes por anno e se occupa em assignar papeis, adoptar *bills* e pensar em reformas.

— O membro do parlamento é um *gentleman* em o qual a gente vota.

O negro

— O negro é um homem preto que vive em paiz estrangeiro.

— O negro é um preto que vive na India.

— O negro é um homem de côr escura que vem da America.

— O negro é um escravo como os que se vêm na cabana do *tio Tom*.

— O negro é um estrangeiro que tem a pelle preta por todo o corpo, labios grossos, cabello preto e crespo e anda inteiramente nú.

— O negro é um homem, mas um homem que vive em um paiz muito quente e habita em uma cabana (outra reminiscencia do *tio Tom*).

— O negro é um homem preto que faz exercicios no circo.

— O negro é um homem que come os missionarios.

Commissão escolar

Algumas das definições sobre a commissão escolar, são bastante-mente satyricas na sua ingenuidade como a ultima das seguintes.

— *School Board* é uma junta de cidadãos que conhece as leis das escolas.

— *School Board* é uma grande sala, na qual tomam assento alguns homens.

— *School Board* é um logar onde se escrevem cartas.

— *School Board* é um logar onde os cidadãos falam de educação, fazendo com que a gente vote para elles.

Homem ou mulher?

Uma investigação de genero inteiramente differente foi feita por miss Dodd, sobre esta pergunta :

« *Preferirias ser homem ou mulher e porque?* »

Desta vez miss Dodd colheu respostas em diversas escolas urbanas da Inglaterra e Allemanha. Neste ultimo paiz 48 por cento das meninas interrogadas recusaram responder, conservando obstinado silencio. Eis as respostas de algumas outras.

— Quero ser mulher, porque a vida da mulher é muito mais agradável.

— Prefiro ser mulher porque o desejar ser homem de nada me serviria.

— Prefiro ser mulher porque assim estou livre de fazer de soldado.

Em oitenta e seis meninas interrogadas, uma sómente se declarou dolente de não ter nascido de outro sexo. Na Inglaterra, pelo contrario, 44 por cento das meninas declararam que teriam preferido o sexo masculino, « porque o homem é mais forte, mais livre e, ao menos, pôde ter enturas. »

Os meninos allemães não querem trocar de sexo e um delles respondeu :

« Estou satisfeitissimo com o meu sexo porque assim posso enamorar-me de alguma mulher e casar-me com ella. »

Tambem os meninos inglezes estão satisfeitos com o proprio sexo, mas

por diferentes razões: « porque me abrirá o caminho no mundo e ganharei muito dinheiro. »

A personagem preferida

Ainda outra pergunta propoz miss Dodd aos alumnos das referidas escolas. Eil-a: — « *Dentre os homens e mulheres de que tendes ouvido falar mais, qual é a personagem que desejaríeis ser e porque?* »

Cincoenta por cento das meninas allemãs têm um verdadeiro culto pela rainha Luisa e quarenta por cento por Santa Isabel.

As aspirações das pequenas inglezas são muito variadas; as personagens preferidas por ellas são: — Florence Nightingale, Gladstone, rainha Victoria, Shakespeare, Wellington, Nelson, Christovam Colombo, Napoleão, Adelina Patti, Tennyson, etc.. Houve uma menina que quizera ser a *Formosa* dormente do bosque!

Quanto aos meninos allemães, a immensa maioria tem um verdadeiro fanatismo pelo *tio* Paulo, o ex-presidente do Transvaal:

« Quizera ser Krüger para dar fio para torcer a esses descarados e avarentos inglezes! »

Esta declaração anglophoba não impediu a miss Dodd de concluir com estas textuaes palavras:

« O *boy* inglez é um vigoroso pequeno barbaro, ao passo que o *boy* allemão é já a metade de um homem de pensamento. »

Amparo, junho de 1907.

CLEMENTE QUAGLIO.

O desenho na escola

O Desenho é umas das disciplinas, que nem sempre se pôdem ensinar, com successo e proveito, nas escolas publicas e privadas.

Porque?

Porque nem todos os professores nasceram com a aptidão artistica necessaria para esse especial mester.

Sem vocação artistica, sem geito para o Desenho, não saberá o professor iniciar os seus alumnos nas bellezas da Arte.

Eis porque, nos grupos escolares

e na escola modelo, sempre se devia confiar a um especialista, contractado ou não, o ensino do Desenho: imitar-se-ia o que se faz com as aulas de Gymnastica e de Musica.

O director de um estabelecimento de instrucção, em que trabalham diariamente muitas classes e cada qual com o seu professor — deve ser um pouco condescendente com os seus auxiliares, principalmente para com aquelles aos quaes a natureza não foi prodiga em privilegios e aos quaes negou pericia manual.

De nada vale ao professor o saber que o Desenho se ensina assim; de nada lhe serve lêr os auctores que apregoam o ensino do natural; de nada lhe valerá tambem recorrer aos especialistas que lhe não poderão incutir o que lhe tolheu o berço; nullas lhe serão as judiciosas conclusões do *Congresso de Berne*, de 1904.

Quem não nasceu artista nunca poderá ensinar a arte e sempre será mediocre em Desenho. Leccionando encontrará, muitas vezes, um ou outro alumno que o excederá em perfeição, pois a sua indole o impulsiona e guia.

Um ponto, sobre o qual não ha mais duvida hoje, é que a educação esthetica da creança não tem por fim formar artistas.

As vocações artisticas manifestam-se por si mesmas e emergem do seio da mais promiscua collectividade, em virtude não sei de que impulso interno.

P. Souriou, na *Imagination de l'artiste*, escreve que outras vocações são determinadas pelo acaso das circumstancias, pelas condições da vida de familia, por uma leitura, por qualquer influencia exterior.

O mesmo não se dá com a vocação artistica.

Qualquer que seja o meio social e quaesquer que sejam as resistencias, ella se apodera da creança ou do alumno e o destaca nesse proprio meio.

Giotto, creança ainda, guardava as ovelhas do seu pae, Bondone, quando o pintor Cimabué o surpreendeu desenhando, em uma pedra, com um

carvão, e ficou maravilhado do seu genio precoce.

A escola não visa inculcar, na creança, um amor exagerado do bello.

Divorciados de uma justa e sã concepção pedagogica parece estarem aquelles que julgam superflua a educação esthetica da creança e aquelles que desejam vel-a predominante: nem uma nem outra coisa.

Ella nos apparece como *indispensavel complemento* de toda educação geral bem comprehendida; mas convém nunca esquecermos de que ella é, apenas, um *complemento*.

Em summa, na educação como na vida, a *Arte* e a *Belleza* têm direito, sómente, a um lugar secundario: devem occupar, exclusivamente, seguindo a phrase de Spencer, *as horas de lazer*.

Destinada a ser uma distracção na vida, a *Arte* deve ser uma distracção na propria educação.

A iniciação nas bellezas da Natureza e da *Arte*, será sempre apresentada ás creanças como uma recompensa ao trabalho, como um repouso depois de tarefas severas ou depois das demasias do espirito; deve o professor agir de modo que ella seja desejada e reclamada por ellas.

Dahi decorrem varias consequencias praticas.

— *Não e pela contemplação do mediocre que o gosto se desenvolve; mas, sim, pela contemplação do que ha e e mais perfeito.*

Tal diz Goethe Eckermann.

Convém, em todas as classes, collocar-se o professor na altura da intelligencia infantil, escolhendo, entre as bellas coisas da Natureza e da *Arte*, aquellas que, pela simplicidade de composição e de feitura, fôrem de uma comprehensão facil.

Mas, de que bellezas naturaes poderá o educador tractar?

Fará primeiro a creança admirar as tintas variadas das flôres e as fórmulas regulares das folhas; depois, fará que notem os diffirentes aspectos das arvores; mais tarde sómente é que se attrahirá a sua atenção sobre conjunctos mais complexos e mais vastos, como as paizagens; dahi para a contempla-

ção das obras de arte, para as visitas aos museus, deante das obras que lhe serão mais facilmente accessíveis.

Assim, a educação esthetica será graduada e se adaptará ao desenvolvimento progressivo das faculdades infantis.

Como se infere, portanto, do que vai exposto, para o professor de curso preliminar conseguir, em suas aulas, nas aulas de *Arte*, de *Desenho*, o almejado successo — será forçoso que essa cultura da sensibilidade esthetica se faça desde as primeiras classes, mesmo até nas escolas maternas, simultaneamente com a lição de coisas.

Mas, é preciso que elle se faça seguindo os preceitos de Rousseau:

— Que a creança meça com os olhos; que tenha sempre deante dos olhos o proprio original e não o papel que o representa; que nada trace de memoria, na ausencia dos objectos; mais tarde, então, a vista será justa e a mão flexivel e alcançará, por fim, a elegancia dos contornos e o traço leve.

O primeiro passo que, na escola, se deve dar em pról da educação esthetica do alumno — e principalmente a bem dos creditos de uma casa de instrucção — será contra esses desenhos mal feitos a giz de côr pelos quadros negros, que circumdam o recinto das aulas: convém collocar a creança num meio que sempre apresente a seus olhos o espectáculo do *Bello*.

São os objectos *bellos* e *sublimes* do mundo exterior ou objectivo, que provocam no individuo as emoções estheticas.

Além desses factores objectivos, outros, ha de ordem inteiramente subjectiva, que influem, incontestavelmente, sobre a produção das concepções estheticas individuais: tal é, por exemplo, a personalidade do artista.

Sem o concurso dessas condições, umas interiores e outras exteriores, não haverá a produção das concepções estheticas.

E' pelo contacto perpetuo das bellas coisas que o gosto se firma;

é pela contemplação do que ha de mais perfeito que se desenvolve o gosto, e não pela contemplação do mediocre.

São essas as mais notaveis ponderações, que podem suggerir particularmente o ensino do desenho.

Poderemos, entretanto, extendel-as á Musica, á Poesia, á Leitura de contos proprios para commover a sensibilidade e nutrir a imaginação.

Poderemos applical-as até em Moral, pois o *Bello* é o symbolo do Bem.

Toda a acção nobre e boa é essencialmente bella.

Por fim, urge que se não esqueçam estas verdades: quem quer emprehender, com successo, a educação esthetica da creança, tem, pois, necessidade de ter antes feito a sua. E só está em estado de dar ao alumno uma boa cultura esthetica o professor que tiver uma alma de artista.

S. Paulo, junho de 1907.

A. R.



MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A sede da Associação do Professorado Publico do Estado é á rua de Sancta Thereza, n. 28.

Funciona, nos dias uteis, das 6 horas da tarde ás 9 da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a caixa postal, n. 183.

O presidente da Associação, sr. Fernando Martins Bonilha Junior, reside á rua da Tabatinguera n. 17; o thesoureiro, sr. Isidro Denser, á rua Vergueiro, n. 110; o 1.º secretario, sr. Antonio Pereira Baptista, á rua America, n. 13; o procurador, social, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 174-C. São encontrados diariamente na sede social.

— A mordôma do mez de agosto, que é d. Maria Soares de Araujo, reside á Traves-a da Gloria, n. 12; a do mez de setembro, d. Guiomar Torrezão, é residente á rua da Tabatinguera, n. 33; a do mez de outubro, d. Maria da Conceição Alvarenga, reside á rua do Carmo, n. 32; a do mez de novembro, é d. Alice Silvina Avila de Macedo, residente á rua da Liberdade, n. 86; a do mez de dezembro, d. Catharina Ceslau de Moura, reside á rua das Flores, n. 28.

O thesoureiro é encontrado na sede social todos os dias uteis, das 7 ás 8 horas da noite.

Nos termos do artigo 79 dos Estatutos, a REVISTA DE ENSINO é pu-

blicada sob a responsabilidade da Directoria, sendo, porém, o presidente da ASSOCIAÇÃO seu editôr responsavel.

O redactor-secretario daquelle organ, nos termos do § unico do citado artigo, é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia relativa áquella publicação.

Os preços de assignaturas da REVISTA DE ENSINO são os seguintes:

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Numero avulso	2\$000

De acôrdo com o § 3º do artigo 12 dos Estatutos vigentes, todos os socios quites são considerados assignantes da REVISTA DE ENSINO, sem retribuição alguma.

Os associados pôdem, sempre que quizerem, obter a REVISTA DE ENSINO, com um abatimento de 50 % sobre os preços estipulados para as assignaturas.

A ASSOCIAÇÃO não possui mais caixa de emprestimo. Esta, não tendo dado os resultados que as directorias anteriores tinham em vista, foi fechada pela ASSEMBLEIA GERAL, em sua sessão de 31 de janeiro findo.

A directoria auxilia com dinheiro, independente de juros, tirado da Caixa de Auxilio Condicional, aos associados quites, que estejam nas seguintes condições:

1)—que tiverem direito a auxilio definitivo, nos termos dos Estatutos e delle não queiram utilizar-se;

2)—que se removam de uma para outra localidade;

3)—que entrarem para o magisterio e que, por isso, precisem de auxilio pecuniario para a sua primeira collocação;

4)—que, não estando nos casos acima, estejam, todavia, em *condições especialíssimas*, a juizo da directoria.

Fôra destes casos, nenhuma quantia, por menor que seja, sahirá da caixa social, a titulo de empréstimo.

O associado, acceto para ser inscripto definitivamente no quadro social, deverá, dentro de 30 dias, pagar adeantadamente uma das tres prestações seguintes, á sua escolha:

1)—11\$000, sendo 5\$000 da terça parte da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.^a mensalidade;

2)—16\$000, sendo 10\$000 de duas terças partes da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.^a mensalidade;

3)—21\$000, sendo 15\$000 de toda a joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.^a mensalidade.

Os associados quites, relativamente ás suas mensalidades, têm direito, de conformidade com o artigo 12, § 2.º, de utilizar-se dos serviços do procurador social, *independente de qualquer remuneração pecuniaria*, para recebimento de seus vencimentos e mais negocios relativos ao cargo, *mas tão somente negocios relativos ao cargo*, que elle exerce.

A Assembleia Geral, em sua ultima sessão, approvou as seguintes medidas regulamentando os auxilios, nos casos das letras do artigo 21.

Os auxilios, nos casos das letras deste art. serão concedidos do modo seguinte, durante 3 mezes: em caso de molestia em pessoa do associado: 20\$000 aos que tiverem contribuido durante 3 mezes; 30\$000

aos que tiverem contribuido durante 6 mezes; 40\$000 aos que tiverem contribuido durante 9 mezes; 50\$000 aos que tiverem contribuido durante 12 mezes; 60\$000 aos que tiverem contribuido durante 15 mezes; e assim por diante, crescendo sempre 10\$000 por 3 mezes, até 36 mezes.

Os socios, que tiverem contribuido por mais 3 annos, terão direito ao auxilio de 150\$000.

No caso da letra — *b* — desse mesmo artigo, os auxilios serão a metade das quantias acima estabelecidas, sendo indispensevel que haja economia commum entre o socio e o enfermo.

Tractando-se da letra — *e* — o auxilio será de 200\$000 no caso de fallecimento do socio e de 100\$000 pelo fallecimento de pessoa da sua familia, com as restricções precedentes, isto é, economia commum.

Nos casos da letra — *d* — o auxilio será de 20\$000 para os socios que o sejam de 3 a 12 mezes; de 25\$000 para os que fôrem de mais de 12 mezes até 24 mezes; de 30\$000 para os que o fôrem de mais de 24 mezes até 36 mezes; e de 40\$000 aos que tiverem mais de 36 mezes.

Os auxilios, de que tracta o art. 24, serão concedidos de acôrdo com a letra — *d* — não podendo, porém, exceder de 30\$000.

O socio, que tiver recebido a totalidade de qualquer dos auxilios facultados pelos Estatutos, só poderá receber novo auxilio contando-se o seu tempo de associado a partir do ultimo auxilio recebido.

O socio, que receber parte de qualquer dos auxilios estabelecidos, poderá, quando necessite, receber a parte faltante.

Sempre que houver repetição de pedido de auxilio por um mesmo associado, o seu tempo de associado será contado do ultimo auxilio recebido.

A directoria da Associação, afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, pede aos srs. associados o obsequio de participarem ao secretario sempre que transferirem a sua residencia.

POSTOS MEDICOS

1)—DR. CARLOS MEYER. — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até ás 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na Capital, pelo preço de 5\$000. Tambem se promptifica a fazer, gratuitamente, analyses em escarros, catarrhos e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2)—DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO. — Dá consultas gratuitas aos associados. Consultorio e residencia — rua Victoria, n. 158, Pharmacia da Fé.

3)—DR. ROBERTO GOMES CALDAS. — Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer. Consultorio — rua de S. Bento, n. 38; residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

4)—DR. FABRICIO VAMPRE. — Dá consultas gratuitas aos associados e ás suas familias. Residencia — alameda Barão de Piracicaba, n. 3; consultorio — rua Marechal Deodoro n. 1.

5)—DR. LYCURGO PEREIRA. — Presta seus serviços clinicos, nas seguintes condições:
visitas 5\$000,
consultas aos associados . . gratis,
consultas ás pessoas das
familias dos associados . . 3\$000.
Consultorio — rua de Sancta Thereza, n. 9.

6)—DR. N. SOARES DO COUTO. — Presta seus serviços clinicos aos associados, nas seguintes condições:
visitas nos domicilios . . . 5\$000,
consultas 3\$000.

Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 22.

DENTISTAS

1)—JAYME TEIXEIRA, cirurgião dentista. Presta seus serviços profissionaes aos associados e ás suas familias, por preços módicos.

Gabinete e residencia — rua General Jardim, n. 63.

2)—MARIO LAS CASAS. — Presta seus serviços profissionaes, tambem por preços módicos.

Gabinete — largo de S. Bento, n. 12.

OBSERVAÇÃO. — Os srs. associados devem tractar, préviamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados, com abatimento de 20 %.

1)—PHARMACIA DE SANCTA THERESA, de Ignacio Puiggari, á rua de Sancta Thereza, n. 9.

2)—PHARMACIA E DROGARIA, de João dos Santos & Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3)—PHARMACIA ASSIS, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 2.

4)—PHARMACIA RODRIGUES, de d. Altina Rodrigues, Largo do Jardim, n. 32.

De 1.º de janeiro a 30 de junho do corrente anno, foram prestados aos socios os seguintes beneficios :

Pensões a viuva de socios.	830\$000
Auxilios definitivos em casos de doença e morte.	1:010\$000
Auxilios condicionaes e adeantamentos para preparo de papeis	5:728\$900

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico, em 1.º de junho de 1906.

O 1.º secretario,

ANTONIO PEREIRA BAPTISTA.

NOTICIARIO

Publicações.

Recebemos as seguintes, cuja remessa agradecemos: *La Escuela Pratica*, revista pedagogica mensal, da Republica Argentina; *El Monitor de la Educacion Común*, organo do Conselho Nacional da Educacao, da Republica Argentina; *La Enseñanza Primaria*, do Mexico; *A Palavra*, de Camocim, Estado do Ceará; *Revista de Ensino*, de Fortaleza, Estado de Ceará; *Tribuna de Petropolis*, Petropolis, Estado do Rio de Janeiro; *O Isabelense*, de Sancta Isabel do Rio Preto, Estado do Rio de Janeiro; *O Monitor Sul-Mineiro*, de Campanha, Estado de Minas Geraes; *O Passageiro*, de Tres Corações do Rio Verde, Estado de Minas Geraes; *O Resistente*, de S. João d'El-Rei, Estado de Minas Geraes; *Gazeta de Ubá*, do Estado de Minas Geraes; *Gazeta de Ouro Fino*, do Estado de Minas Geraes; *Araguary*, de Araguary, Estado de Minas Geraes; *Commercio*, de S. João Nepomuceno, Estado de Minas Geraes; *A Voz do Povo*, de Poços de Caldas, Estado de Minas Geraes; *O Juvenil*, de Bom Successo, Estado de Minas Geraes; *O Guarará*, de Espirito Sancto de Guarará, Estado de Minas Geraes; *Gazeta Clinica*, de S. Paulo; *Boletim*, da Repartição de estatistica demographo-sanitaria do Estado de S. Paulo, *Germania*, organo da colonia alle-mã de S. Paulo; *O Rebate*, de S. Paulo; *A Cidade de Campinas*, de Campinas; *O Mundo Occulto*, de Campinas; *A Folha*, de Jundiahy; *O Jundiahyense*, de Jundiahy; *Cor-*

reio do Norte, de Guaratinguetá; *Educacao Nacional*, do Porto; *O Trabalho*, do Pará; *Diar'io Official*, do Maranhão; *Ad Lucem*, revista litero-cientifica, da Bahia; *Boletim*, da Secretaria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas, da Bahia; *Cidade de Bragança*, de Bragança; *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba; *A Imprensa*, de Araraquara; *Gazeta de S. Carlos*, de S. Carlos do Pinhal; *Correio de S. Carlos*, de S. Carlos do Pinhal; *Tribuna do Povo*, de Araras; *Correio de Botucatu*, de Botucatu; *Folha da Aparecida* e *o Mensageiro da Aparecida*, da Aparecida; *Republica*, de Ytú; *A Comarca*, de Mogy-mirim; *O Mogyano*, de Mogy-mirim; *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba; *15 de Novembro*, de Sorocaba; *Gazeta de Jacarehy*, de Jacarehy; *A Republica* e *A Gazeta do Pinhal*, de Espirito Sancto do Pinhal; *Cidade de São João*, de S. João da Boa Vista; *A Cidade*, *o Correio Palmeirense*, de Palmeiras; *A Cidade de Faxina* e *O Tempo*, de Faxina; *O Municipio*, de Lorena; *O Municipio*, de Pirassununga; *A Cidade*, de Dous Corregos; *O Municipio*, de São Manoel do Paraizo; *A Imprensa*, de São Manoel do Paraizo; *Gazeta de Capivary*, de Capivary; *O Cartel*, de Batataes; *Correio Brotense*, de Bratas; *Cravinhos*, de Cravinhos; *o Tieté*, de Tieté; *Correio do Sertão* de Avaré; *Imparcial*, de Sertãozo, nho; *Gazeta de Annapolis*, de Annapolis; *O Mineireno*, de Mineiros; *São João da Bocaína*, de S. João; *da Bocaína*; *O Porvir*, de São José

do Rio Preto; *O Correio do Interior*, de Ribeirãozinho; *A Vera Cruz*, do «Gremio Literario Recreativo»; de Casa Branca; *A Escola*, do «Gremio dos Professores Publicos», do Estado do Paraná; *Revista Annual*, do «Centro Caixeiral», de São Luiz do Maranhão; *Revista Polytechnica*, do «Gremio Polytechnico», da Capital; *O Proletario*, de São José do Rio Pardo; *O Bandeirante*, de Mogyguassú; *O Escolar*, de Porto Ferreira; *O Rio Pardo*, de S. José do Rio Pardo; *O Taquaryense*, de Taquary, Estado do Rio Grande do Sul; *O Paraisense*, de S. Sebastião do Paraizo; Estado de Minas Geraes; *Revista Escolar*, de Fortaleza, Estado do Ceará; *Revista Didactica*, do Rio de Janeiro; *Revista Militar*, do Estado Maior do Exercito, Rio de Janeiro; *Revista de Educacion*, de Buenos Aires, Republica Argentina; *A Verdade e Luz*, da Capital; *A Nova Cruz*, da Capital; *Oitenta e Nove*, de Baturité, Estado do Ceará; *El Magisterio*, da Republica Argentina; *Vinte de Julho*, de Pilar, Estado de Alagôas; *Diario Official*, de S. Paulo.

Revista de Ensino

Tendo estado enfermo o redactor-secretario da *Revista de Ensino*, não poudé haver regularidade na publicação dos diversos numeros.

Que os nossos consocios e assignantes nos relevem essa involuntaria falta.

Fallecimentos

O nosso distincto amigo, sr. Edmundo Lisboa, passou pelo desgosto de perder um dos seus interessantes filhinhos, que era a alegria do seu lar.

Aos etxremosos paes, as nossas sinceras condolencias.

Já não bastam as injustiças repetidas dos politicos, a desorganisar e perseguir o magisterio publico de S. Paulo: a morte, a fatalidade se

vai tambem associando á acção demolidôra dos homens, arrancando do santuario da familia e da direcção trabalhosa das classes os missionarios das mais nobres ideias, pregoeiros da Republica, que levam a luz ao recesso mais sombrio das consciencias, fazendo tambem brilhar o sol nas intelligencias em trevas.

A' dôr, que veio enluctar as alegrias de um lar, sempre honesto e venturoso, não pôde deixar de associar-se todo o magisterio publico de S. Paulo.

Ornamento da classe á que pertencia, a ex.ma sr.a d. Porcina Ramos baixou ao tumulo, orvalhada pelas lagrimas de gratidão e de saudade de todos os seus parentes, collegas e alumnos.

Ao seu desolado esposo e aos pequeninos orphamzinhos de suas caricias e desvelos, a *Revista de Ensino* apresenta sinceros pesames.

Escolas Reunidas

O Governo do Estado, desejando attender á grande procura de lugares nas escolas publicas, resolveu crear varios grupos escolares com a denominação de *escolas reunidas*, em diversos bairros da Capital.

Parece, á primeira vista, que dessa *nova instituição* não cogitam as leis da instrucção publica.

Quem sabe, porém, que essa denominação é provisoria e não visa ferir os interesses dos professores?

Que são *escolas reunidas*?

Não são um *grupo escolar* disfarçado?

Serão uma transição para essa instituição que tem produzido tão bons fructos?

Então, para que a *mascara*?

Será economia?

Os professores que se acautelem...

Enviamos, comtudo, ao nosso digno collega, o sr. Inspector Geral do Ensino, os nossos applausos pela boa intenção, com que tem prestado o concurso de seu talento ao patriotico Governo actual do Estado.

REVISTA DE ENSINO

Vendem-se colleções encadernadas da REVISTA DE ENSINO pelos preços seguintes:

Anno	I	—	2	grosso volume	20\$000
„	II	—	1	grosso volume	14\$000
„	III	—	1	„ „	14\$000

Licções de Instrucção Civica

Pelos Profs.

Arthur Breves e Izidro Denser

volume cartonado 3\$000



A' venda nas principaes livrarias

ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo as licções publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto de Carvalho.

Será dividido nas seguintes partes: *escola de recruta sem arma; escola de recruta com arma; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos ao contexto do livro.*

SUMMARIO

	Pags.
PANTHEON PEDAGOGICO	
DR. MANOEL JOSÉ CHAVES, do sr. José Jacintho Ribeiro	4
QUESTÕES GERAES	
A INSTRUÇÃO POPULAR, de L. C.	5
PEDAGOGIA PRATICA	
NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso	7
DIVERSOS	
O KINDERGARTEN, de Margaret Holder	10
DISCURSO proferido pelo director da « Escola Complementar » de Campinas, Antonio Alves Aranha	11
LITERATURA	
HYMNO COMPLEMENTARISTA, do dr. José de Freitas Guimarães	14
HYMNO DA REPUBLICA, do dr. Assis Brazil	14
MINHA JANGADA, de A. R. de C.	15
JATOBÁ, de Ricardo Gonçalves	15
TRES ENIGMAS, de Mucio Teixeira	15
SONETO, de José Bonifacio	16
DE MADRUGADA, de Filinto de Almeida	16
NA SOLEDADE, de Guerra Junqueiro	16
QUINZE DE NOVEMBRO, comedia infantil em um acto, de C. A. Go- mes Cardim	17
ENSINO CIVICO-LITERARIO	
QUINZE DE NOVEMBRO, do menino Annibal M. Gonçalves	21
COLLABORAÇÃO	
PSYCHOLOGIA DA INFANCIA, de Clemente Quaglio	23
O DESENHO NA ESCOLA, de A. R.	26
MOVIMENTO ASSOCIATIVO	29
NOTICIARIO	33
ANNUNCIOS	35

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

Associação Beneficente

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

NUMERO 4



SÃO PAULO

TYP. TOLOSA—RUA SENADOR FEIJÓ, N. 7

1907

